



Medidas de política para sustentar o crescimento e se proteger contra riscos

[Christine Lagarde](#)

15 de março de 2018



Embora o sol ainda brilhe na economia mundial, mais nuvens pairam no horizonte (iStock, GettyImages).

Quando os ministros das Finanças e os governadores dos bancos centrais do Grupo dos Vinte (G-20) se reuniram em outubro do ano passado, a sensação era de otimismo quanto à retomada do crescimento da economia mundial e à oportunidade de avançar em reformas muito necessárias.

Na próxima semana, ao se reunirem em Buenos Aires, as atenções estarão voltadas para as políticas necessárias para **proteger essa retomada contra riscos de deterioração e apoiar o crescimento no futuro.**

A boa notícia é que a dinâmica do crescimento continua a ganhar força e já é observada em três quartos da economia mundial.

Contudo, embora o sol ainda brilhe na economia mundial, mais nuvens pairam no horizonte: a crescente preocupação com as tensões comerciais, o recente aumento da volatilidade nos mercados financeiros e a maior incerteza geopolítica.

Além disso, a recuperação prevista para 2018 e 2019 **acabará perdendo fôlego**, o que implica perspectivas de médio prazo complicadas para muitos países, sobretudo para as economias avançadas.

Por esse motivo, [os países precisam implementar políticas](#) para **se proteger contra os riscos de deterioração**, aumentar a resiliência e promover o crescimento a médio prazo em benefício de todos. É chegado o momento de tomar medidas de política ousadas e tirar o máximo partido deste período de crescimento mundial.

Perspectivas mundiais

Em janeiro, o FMI elevou para **3,9%** suas previsões sobre o PIB mundial em 2018 e 2019.

O que está por trás dessa dinâmica? Acima de tudo, forças cíclicas: o crescimento mundial tem sido impulsionado pelo ânimo surpreendente do investimento e do comércio, enquanto o dinheiro e o crédito ainda fluem com facilidade dentro dos países e entre eles.

Neste ano e no próximo, as economias avançadas devem registrar um crescimento superior ao seu potencial de médio prazo, que ainda é fraco. Segundo as projeções, o crescimento nos países emergentes e em desenvolvimento deve continuar a se fortalecer no curto prazo, ajudado por uma ligeira melhoria das perspectivas dos países exportadores de commodities.

Então, de fato, a atual dinâmica mundial mantém o vigor. E sim, existem medidas concretas que devemos tomar para que ela continue assim.

Destacarei cinco prioridades:

1. Evitar o protecionismo

As autoridades econômicas precisam trabalhar em conjunto e de forma construtiva para reduzir as barreiras comerciais e resolver as discordâncias sem recorrer a medidas excepcionais. Devem zelar para que as tarifas de importação anunciadas recentemente pelos Estados Unidos **não conduzam a uma escalada de medidas protecionistas**. A história econômica mostra claramente que as guerras comerciais prejudicam o crescimento mundial e que ninguém sai vitorioso.

Sabemos que as tarifas de importação podem causar danos substanciais ao país que as adota, mesmo quando os parceiros comerciais não retaliam com suas próprias tarifas.

Sabemos também que o **protecionismo é pernicioso**, pois pressiona, sobretudo, os consumidores mais pobres que compram uma quantidade relativamente maior de produtos importados de preço baixo. Em outras palavras, prejudicar o comércio é ruim para a economia e para as pessoas.

Além disso, criar novos obstáculos ao comércio *não* é maneira de enfrentar os **desequilíbrios econômicos mundiais**. O fundamental é lançar mão de **medidas fiscais**, como reduzir o déficit nos EUA para que a dívida pública assuma uma trajetória sustentável e reforçar os investimentos em infraestrutura e educação na Alemanha.

Ademais, é importante intensificar o apoio àqueles que sofrem com os efeitos da globalização e dos avanços tecnológicos, para que possam investir em qualificação e se preparar para buscar empregos de melhor qualidade.

2. Prevenir-se contra os riscos financeiros

Para se prevenir contra os riscos de deterioração também é preciso **abordar o acúmulo de dívida** nos setores público e privado, após um longo período de condições financeiras favoráveis.

Os níveis da dívida pública nas economias avançadas do G-20 alcançaram **114%** em média. Em escala mundial, a dívida dos entes soberanos, empresas e famílias registra **máximos históricos**.

Isso gera **vulnerabilidades financeiras**. Imaginemos um cenário em que ocorram, ao mesmo tempo, um aumento inesperado da inflação e um endurecimento repentino das condições financeiras mundiais. Essas mudanças poderiam provocar correções nos mercados financeiros, preocupações com a sustentabilidade da dívida e reversões dos fluxos de capital nos mercados emergentes.

Para mitigar esses riscos, os países devem aproveitar a dinâmica atual para acumular reservas fiscais (criando assim mais margem de manobra para quando chegar a próxima retração) e aplicar ativamente políticas macro e microprudenciais. Nas economias emergentes, a flexibilidade das taxas de câmbio pode ajudar a mitigar os choques externos.

3. Intensificar as reformas econômicas

Apesar de estarem concentradas em preservar a recuperação atual, as autoridades econômicas também precisam promover o crescimento **a médio prazo** mais forte e mais compartilhado.

Impulsionar o crescimento é de especial importância para as economias avançadas do G-20. No ano passado, seu PIB situou-se, em média, **15% abaixo** da linha de tendência anterior à crise de 2008, enquanto os países nos mercados emergentes se mantiveram próximos a essa linha.

Em outras palavras, essas economias avançadas precisam de um aumento **sustentado** do crescimento que vá bem além da recuperação atual.

Para elevar a produtividade e o crescimento potencial, os países podem dar novo impulso às reformas, sobretudo nos mercados de trabalho.

Por exemplo, os países do G-20 se comprometeram a reduzir a brecha entre as taxas de participação na força de trabalho de homens e mulheres em **25%** até o ano de 2025, o que possibilitaria a criação de cerca de **100 milhões** de novos empregos. Para alcançar essa meta, alguns países precisarão redobrar seus esforços, enquanto outros — como Alemanha, Austrália, Brasil, Japão e Reino Unido — já fizeram avanços significativos.

Essas e outras reformas importantes são mais contundentes e fáceis de implementar quando as economias são mais saudáveis. Em outras palavras, agora é a hora.

4. Promover um crescimento mais inclusivo

Para o crescimento ser mais sustentável, ele tem de ser **mais inclusivo**. É prioritário moldar o futuro do trabalho de modo a beneficiar *todos* os cidadãos.

Por exemplo, uma iniciativa recente no Canadá mostrou que a formação prática no emprego pode ser mais eficaz do que o aprendizado em sala de aula.

Mais do que nunca, é importante reduzir a diferença em termos de qualificações porque a revolução digital está transformando os locais de trabalho e os setores. A McKinsey estima que até 2030 **375 milhões** de trabalhadores, ou 14% da força de trabalho mundial, poderia correr o risco de perder o emprego.

Ninguém sabe exatamente o que esse futuro nos reserva, mas parece evidente que vamos precisar de medidas de política.

Por exemplo, novas análises do FMI indicam que, *sim*, é possível repartir amplamente os ganhos da inovação tecnológica ajustando **impostos e benefícios** e aumentando os gastos públicos em **educação e formação**.

5. Fortalecer a cooperação internacional

É fundamental trabalhar para assegurar um crescimento mundial forte, sustentável, equilibrado e inclusivo. O comércio, a guerra fiscal, a mudança climática, o combate à lavagem de dinheiro e ao financiamento do terrorismo — é longa a lista de áreas que exigem *mais*, e não *menos*, cooperação internacional. Gostaria de destacar dois pontos:

- Precisamos trabalhar juntos para ajudar a enfrentar o aumento das **vulnerabilidades da dívida nos países de baixa renda**. O nível de endividamento público médio dos países subiu para **47%** no ano passado, frente a 33% em 2013. Os países que enfrentam a carga da dívida externa têm de agir de imediato para conter uma maior acumulação de dívida e precisam recorrer mais à geração de receita interna para satisfazer às necessidades de financiamento do desenvolvimento. Se necessário, os credores oficiais bilaterais devem formular planos para participar de operações de reestruturação da dívida e trocar informações com outros credores.

- Além disso, há margem para a elaboração de princípios regulatórios internacionais para os **criptoativos**, inclusive para as ofertas iniciais de moedas (ICOs). O objetivo deve ser aproveitar o potencial da tecnologia subjacente e, ao mesmo tempo, assegurar a estabilidade financeira e mitigar os riscos de lavagem de dinheiro e financiamento do terrorismo.

O [G-20](#) pode assumir a liderança em todas essas áreas. Nesse processo, pode também garantir a recuperação da economia e promover o crescimento compartilhado por todos.



Christine Lagarde é Diretora-Geral do Fundo Monetário Internacional. Após cumprir seu primeiro mandato de cinco anos, foi renomeada para um segundo mandato em julho de 2016. Cidadã francesa, foi Ministra das Finanças da França de junho de 2007 a julho de 2011, tendo servido também como Ministra de Estado de Comércio Exterior por dois anos.

Christine Lagarde teve uma extensa e notável carreira como advogada especializada em direito concorrencial e trabalhista. Foi sócia do escritório de advocacia internacional Baker & McKenzie, do qual foi eleita presidente em outubro de 1999. Ocupou o cargo máximo do escritório até junho de 2005, quando foi indicada para sua primeira pasta ministerial na França. É formada pelo Instituto de Ciências Políticas (IEP) e pela Faculdade de Direito da Universidade Paris X, onde lecionou antes de ingressar no Baker & McKenzie em 1981.